

O labirinto e as máscaras da solidão: colonialismo, revolução e modernidade

André Luiz de Faria¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo provocar algumas reflexões a respeito do mexicano, seu papel enquanto elemento próprio dentro da construção social de seu país e/ou na qualidade de indivíduo apagado pela herança cultural do colonizador espanhol. Ainda dentro da perspectiva da perda identitária mexicana, problematizaremos questões relacionados aos conflitos identitários dos Pachucos nos Estados Unidos na década de 1930. Para guiar nossas indagações, retomaremos o ensaio de Octávio Paz - O Labirinto da Solidão - e parte de sua trajetória literária. Busca-se responder as seguintes perguntas: O que levou o mexicano a perder sua identidade? Quais as possíveis causas que o levaram ao apagamento social e cultural? A partir do contexto histórico e cultural do México e afim de entendê-lo, propõe-se uma breve analogia em torno das questões ligadas ao colonialismo, à Revolução mexicana e à modernização do país. Analisar como se deu a representação do sujeito colonizado e entender os fundamentos que levaram os mexicanos a usarem máscaras sociais é parte desse trabalho. Usou-se o ensaio do autor mexicano como aporte teórico metodológico por considerá-lo bastante atual e por entendermos que seu corpus contribuiria com muitos elementos que se alinham à nossa proposta, por representar a história do autor mexicano e, por ser essa, a obra que marcou a literatura mexicana dos anos de 1950.

Palavras-chave: Sujeito; Máscaras sócias; Colonialismo; Labirinto da Solidão.

O respeitado poeta mexicano, Octavio Paz Lozano (1914-1998), nasceu em Micoac, Ciudad de México, em 31 de março de 1914. O autor era filho único. Ao final da Revolução Mexicana o Paz vai com a família para EUA, retornando algum tempo depois. Ainda muito jovem escreve sua primeira obra, e só para de produzir bem perto de sua morte, em 19 de abril de 1998, na Cidade do México, México. Sua escrita, classificada como uma das mais lidas naquele momento, colocou o autor mexicano entre os melhores escritores de sua época. Dono de uma vasta produção, Paz escreveu vinte e seis livros de poesia, trinta e três ensaios literários, sete traduções e uma peça teatral. No ano de 1990, sua obra lhe rendeu o Prêmio Nobel de Literatura.

Além de escritor, Octávio Paz pertencia ao mundo político. Na segunda metade do ano de 1940, descontente com os rumos da política em seu país, sentindo-se coibido intelectualmente, decidiu passar uma rápida temporada na França. Nesta época passa a integrar um círculo de intelectuais que o faz perceber o mundo sob uma nova ótica. Sobre este período, afirma: “Fue un periodo de gran riqueza, no tanto en el dominio de la literatura propiamente dicha, la poesía y la novela, como en el de las ideas y el ensayo. Yo seguía con ardor los debates filosóficos y políticos” (PAZ, 2003, p. 80).

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Campus Florianópolis. Bolsista Capes. E-mail: dedefaria1@hotmail.com.

Durante sua temporada na França, Octávio Paz estreita amizade com o renomado poeta Luis Aragon – fundador da Littérature – e Paul Éluard, autor de vários poemas que circularam clandestinamente durante a Segunda Guerra. Em Paris, ao deparar com arte de André Breton, o mexicano decide entrar para o mundo do Surrealismo.

Em 1950, Paz publica pela primeira vez, *Labirinto da Solidão*. Seu ensaio é uma decodificação da lendária e rica história mexicana. Sua obra faz tanto sucesso que anos depois é reeditada. A nova edição de seu ensaio, além de servir como uma forma de protesto, denuncia o lado macabro da política na época. Nela, Paz inclui os violentos ataques ao movimento estudantil mexicano, ocorridos em 1968.

Segundo alguns estudiosos de Octávio Paz, seu livro evidencia uma das mais importantes tentativas de jogar luz no oprimido sujeito latino-americano dentro da história universal, além de sublimar seu universo mental ante a realidade mundial. Apesar das amarras culturais, sociais e políticas que cercavam os mexicanos nesse momento, ao retratar o sujeito mexicano o autor foge do essencialismo humano para colocá-lo como parte da história e, sobretudo, ser ele (sujeito) o agente da sua própria história. Octávio Paz é um dos autores que mais contribuiu para contar a história de seu país. A través dele o leitor passa a refletir sobre o lugar que o indivíduo latino-americano ocupava/ ocupa dentro de um mundo que estava em constante (des)construção e urgia por mudanças

O consagrado *Labirinto da Solidão* eternizou Octávio Paz. Após sua publicação, centenas de críticas positivas fizeram com que o autor mexicano fosse comparado a Samuel Ramos, um dos mais célebres escritores clássicos latino-americano, entre outros. Embora para muitos seu aclamado ensaio representasse a formação sociocultural mexicana – algo que se tornou quase unanimidade entre os críticos literários e entre muitos autores –, para Paz as comparações não faziam o menor sentido. Durante anos o escritor negou tais afirmações.

Como ele mesmo diz:

O *Labirinto* foi em exercício crítico da imaginação: uma visão e revisão. Uma coisa muito diferente de um ensaio de filosofia do mexicano ou da procura do nosso pretense ser. O mexicano não é uma essência e sim uma história. Nem ontologia nem psicologia. O que me intrigava era menos o caráter nacional que aquilo que este caráter esconde: o que está por trás da máscara (PAZ, 1992, p. 165).

A metáfora da máscara, elemento fundamental para a crítica de Octávio Paz ao mexicano, nos possibilita pensar o outro como significação de sua própria história, apesar desse outro, em determinados momentos, não saber mais quem ele é. O caráter da perda

identitária do mexicano revelado por Octávio Paz e, sobretudo, a perda de valores socio-culturais que o leva a se distanciar de si: concretiza suas diferenças perante o mundo que o cerca. Em *Labirinto da Solidão*, Paz propõe, analiticamente, uma comparação entre um país que desabrocha para o autoconhecimento e um jovem adolescente que caminha para a vida adulta enquanto descobre o mundo a sua volta através de si.

Nesse sentido, a semelhança entre o processo de transição da adolescência e a vida adulta de seu país se funde com a própria história do México e da sua gente desde a chegada do colonizador. Segundo ele, essa fase abre espaço para uma interrogação: quem são os mexicanos e como eles alcançarão a maturidade para serem eles mesmos? (PAZ, 1984, p. 13). Para se permitir, nesse caso, o sujeito mexicano teria que voltar à própria história, conhecê-la, refletir sobre ela e sobre si.

Conforme, Paz (1984, p.14):

A preocupação com o sentido das singularidades do meu país, que compartilho com muitos, parecia-me há tempos supérflua e perigosa. Em vez de perguntarmos a nós mesmos, não seria melhor criar, trabalhar sobre uma realidade que não se entrega àquele que a contempla, mas sim àquele que é capaz de nela mergulhar? O que pode nos diferenciar do resto dos povos não é a sempre duvidosa originalidade de nosso caráter – fruto, talvez, das circunstâncias sempre mutantes –, mas sim a de nossas criações. (...) Minha pergunta, como a dos outros, surgia então como um pretexto do meu medo de enfrentar a realidade; e todas as especulações sobre o pretense caráter dos mexicanos seriam hábeis subterfúgios de nossa impotência criadora. Acreditava, como Samuel Ramos, que o sentimento de inferioridade influi na nossa predileção pela análise e que a escassez de nossas criações se explica, não tanto por um crescimento das faculdades críticas a expensas das criadoras, quanto por uma desconfiança instintiva em relação às nossas capacidades.

Labirinto da Solidão nos possibilita um mergulho filosófico cercado de posicionamentos históricos que antes de tudo são necessários para pensarmos um indivíduo de forma outra. Nesse caso, um sujeito ativo que deseja ser *ele* mesmo (cum) e começa a se fazer representar por um *eu* politicamente, socialmente e culturalmente desprendido das amarras colonialistas que o fizeram refém de sua incompletude.

Como relata o autor:

A minoria de mexicanos que possui consciência de si não constitui uma classe imóvel ou fechada: e a única ativa – diante da inércia indo espanhola do resto – e também, cada dia mais, modela o país à sua imagem. Cresce, conquista o México. Todos podem chegar a se sentir mexicanos (PAZ, 1984, p. 14).

O processo colonialista mexicano é um dos fatores que mais colaborou para que o mexicano perdesse seu caráter individual, deixasse de ser dono si mesmo para se tornar um personagem passivo, subjulgado dentro da sua própria história. O ante herói.

Durante os anos que Octávio Paz viveu nos Estados Unidos surgiu as reflexões para o enredo que compõem O Labirinto da Solidão. Segundo o autor, quanto mais mergulhava na cultura daquele país, desejando buscar algum significado para ela, mais longe se si permanecia. Com o passar do tempo, ao entender seu lugar, o de um mexicano colonizado vivendo fora de seu país, encontrou respostas para suas indagações sobre quem eram os mexicanos contemporâneos e quem era ele próprio, além fronteiras.

Sobre isso, Paz (1984, p. 17), aponta que:

alguma coisa semelhante acontece com os mexicanos que encontramos pela rua. Embora estejam vivendo ali há muitos anos, usando a mesma roupa, falando o mesmo idioma e sentindo vergonha da sua origem, ninguém os confundiria com os norte-americanos autênticos. E não se pense que os traços físicos sejam assim tão determinantes quão vulgarmente se acredita. O que me parece distingui-los do resto da população é seu ar furtivo e inquieto, de seres que se fantasiam, de seres que temem o olhar alheio, capaz de despi-los e deixá-los nus em pêlo. Quando falamos com eles, notamos que sua sensibilidade parece com a do pêndulo, um pêndulo que perdeu a razão e que oscila com violência e sem compasso. Este estado de espírito – ou de ausência de espírito – originou o que se deu de chamar o “pachuco”.

Pachuco foi o nome dado aos grupos de jovens mexicanos que surgiram nos Estados Unidos na década de 1930. Os pachucos eram reconhecidos pelo seu modo peculiar de vestir e por sua irreverência. Forma eles os criadores do mambo e do boogie: ritmos latinos que ficaram mundialmente conhecidos. Para os estadunidenses aqueles jovens não passavam de aberrações que manchavam e distorciam a cultura dos Estados Unidos. Por haverem adotado uma conduta e uma linguagem bastante genuínas, os pachucos acabaram obrigados a viver em uma lacuna entre a cultura estadunidense e a mexicana sem se sentir representados por nenhuma das duas. A forma como Paz os retrata aponta indivíduos distantes de si e do mundo. Por serem considerados como grupos de manifestação cultural marginal que adota uma postura avessa à cultura norte-americana e da própria cultura mexicana existente no México naquele momento, podemos entender os pachucos como precursores do movimento da contra cultura que surgiria na década de 1960 nos EUA.

Octávio Paz usa os pachucos para denunciar as oscilações identitárias do sujeito mexicano nos Estados Unidos, descritas por ele como: “sensibilidade pendularia” (PAZ,

1984, p. 17), além de classificá-los como pessoas desprovidas de qualquer tipo de razão, marcadas por uma violenta falta de compasso cultural com o México. Os pachucos eram vistos como sujeitos constituidores de uma classe hermética desprovida de qualquer concretude, sem nenhuma consciência de si. Para Paz, os pachucos seriam a mais pura representação da falta de si e da sua cultura. Por se perder em meio à sua ancestralidade mexicana e o apagamento cultural sofrido pelo colonialismo europeu, ao longo do tempo os pachucos se transformaram em uma dissimulação do sujeito mexicano.

Ao deixarem de lutar por uma identidade cultural própria, seu desejo afirma nada de concreto a não ser a decisão – ambígua, conforme veremos

– de não ser como os outros que os cercam. O “pachuco” não quer voltar à sua origem mexicana; também – pelo menos na aparência – não deseja fundir-se à vida norte-americana. Tudo nele é impulso que se nega a si mesmo, nó de contradições, enigma. E o primeiro enigma é o seu próprio nome: pachuco, vocábulo de filiação incerta, que não diz nada e diz tudo (PAZ, 1984, p. 17).

A forma com que Paz usa os pachucos para retratar o mexicano nos revela sujeitos presos em si mesmos e solitários por circunstâncias análogas à sua história; indivíduos que transitam entre o vazio e a falta. Por outro lado, ao mesmo tempo que eles eram absorvidos por seus modos peculiares de existência, paralelamente, eram engolidos pelo desejo de não serem mexicanos dentro de uma sociedade que os hostilizavam e os tratavam como sombras. Como afirma Octávio Paz, ao contrário do mexicano — sujeito oculto em sua história — nos Estados Unidos: “O homem, parece-me, não está na história: é história” (Paz, 1984, p. 25).

Sobre a mulher mexicana, Paz nos revela que essa não passa de um simples capricho do desejo masculino. Como revela Octávio Paz (1984), “uma vaidade masculina herdada dos índios e dos espanhóis”. Entretanto, o autor sustenta que, ao contrário do homem, a mulher mexicana demonstra veemência, força, sagacidade e é tão complexa que beira a ruptura.

De acordo com o autor:

a virtude que mais estimamos nas mulheres é o recato, como nos homens a reserva. Elas também devem defender sua intimidade. Sem dúvida, na nossa concepção de recato feminino, intervém a vaidade masculina do senhor – que herdamos dos índios e dos espanhóis. Como quase todos os povos, os mexicanos consideram a mulher como um instrumento, ou dos desejos do homem, “i ou dos fins que lhe atribuem a ki, a sociedade ou a moral. Fins, ” é preciso dizer, para os quais nunca lhe foi pedido o consentimento e de cuja realização só participa passivamente, como depositária de certos valores. Prostituta, deusa, senhora, amante, a mu-

lher transmite ou conserva, mas não cria, os valores e as energias que lhe confiam a natureza ou a sociedade (PAZ, 1984, p. 35).

Ao revelar a mulher como uma depositária dos ideais masculinos; prostituta, deusa, senhora e amante, Paz afirma que ela repassa, guarda, mas não cria os valores e as energias que a natureza ou a sociedade lhe outorgavam. Segundo ele, o feminino nunca foi um fim em si mesmo, tal como foi o masculino. Se por um lado a mulher mexicana teve que manter-se solícita e impassível, por outro ela escondeu a si e as suas virtudes. Portanto, nos dois casos, seu comportamento não é próprio ou pessoal, mas dissimulado e moldado pelo desejo masculino. E é justamente este modelo de comportamento que ressalta aspectos femininos relativos ao instinto, à intuição e ao estoicismo das mexicanas.

Na reclusão, paralelamente, homens e mulheres dissimularam o ser mexicano, deixando sob véus toda a autenticidade que um dia fez do México um país ímpar [se é que o foi um dia]. Octávio Paz afirma que “a dissimulação mexicana, possivelmente, teria nascido durante o período colonial, onde os índios e os mestiços se comunicavam através dos pensamentos, pois, em suas mentes fervilhavam as palavras de rebelião” (PAZ, 1984, p. 42).

Em *Labirinto da Solidão*, a dissimulação é apresentada como um mecanismo de negação do mexicano em relação a si mesmo. As máscaras, instrumento de disfarce, representam o aparato necessário para aquele que precisa ocultar o que intimamente deseja ser, mas não lhe é permitido. Então, o mexicano, refém de si mesmo, se torna sombra e poeira. Paz conclui que, “se todos são nenhum, não existe nenhum de nós. O círculo se fecha e a sombra de nenhum se estende sobre o México” (PAZ, 1992, p. 44). Se pensarmos sob a perspectiva da negação, entre o sujeito mexicano e o mundo, existem o oco, o medo e a solidão. Ao se renegar, o personagem mexicano cria seu mundo a partir da mimeses do outro [colonizador] e de si mesmo.

Segundo Octávio Paz:

Velho ou adolescente, crioulo ou mestiço, general, operário ou bacharel, o mexicano como um ser que se fecha e se preserva é: máscara, o rosto, e máscara, o sorriso. Plantando na arisca solidão, espinhoso e cortês ao mesmo tempo, tudo lhe serve para que se defenda: o silêncio e a palavra, a cortesia e o desprezo, a ironia e a resignação. Tão ciumento de sua intimidade como da alheia, não se atreve sequer a roçar os olhos no vizinho: um simples olhar pode desencadear a cólera destas almas carregadas de eletricidade. (...) O hermetismo é um recurso de nosso receio e da nossa desconfiança. Mostra que instintivamente consideramos perigoso o meio que nos cerca (PAZ, 1984, p. 30 – 31).

Ao analisarmos as adjetivações usadas pelo autor para significar o mexicano é possível interpretá-las como uma batalha interna travada entre a austeridade presente em seu

DNA e o patriotismo à forma: herança cultural carregada por ele desde a infância. Sobre sua impassividade, provavelmente seja dela que nasceu seu caráter fechado, resignado, tolerante, desditoso e submisso. Faces de um mexicano passivo, dotado de uma hombridade que por vezes aparece em caráter defensivo como forma de disfraçar suas fraquezas.

Como exemplifica Paz:

o macho é um ser hermético, fechado em si mesmo, capaz de resguardar-se e de guardar o que lhe é confiado. A hombridade é medida pela invulnerabilidade diante das armas inimigas ou diante dos impactos do mundo externo. O estoicismo é a mais nobre das nossas virtudes guerreiras e políticas. Nossa história está cheia de frases e episódios que revelam a indiferença de nossos heróis à dor e ao perigo. Desde crianças somos ensinados a sofrer com dignidade as derrotas, concepção esta que não carece de grandeza (PAZ, 1984, p. 31).

A predileção do mexicano pela hermeticidade em lugar da expansividade não se limita ao seu modo hesitante, cáustico e ressabiado de ser, ela se converge à sua obediência ao formal. Para ele, a formalidade é o início e o fim da intimidade, resguarda os excessos, oprime seu ímpeto e ao mesmo tempo que afasta, protege, conserva. Possivelmente, suas inclinações ligadas aos ritos e às regras são heranças da colonização espanhola e da sua ancestralidade indígena. Por isso, o tradicionalismo no México pode ser visto como o agente responsável pela uniformidade e o conservadorismo presente em sua cultura; fator preponderante na essência do seu povo. Seus costumes automaticamente refletem o apreço do mexicano às aparências ao humanismo clássico, à métrica na poesia, à arte barroca, em detrimento ao seu Romantismo, e à pernicioso tendência ao formalismo social, moral e burocrático. Expressões culturais que ditam o caráter da sociedade mexicana; tal como a oprime (PAZ, 1984, p. 31 – 32).

Sob esse prisma, o autor nos explica que:

não só dissimulamos a nós mesmos e nos tornamos transparentes e fantasmais; também dissimulamos a existência de nossos semelhantes. Não quero dizer que os ignoremos ou que façamos pouco deles, atos estes deliberados e soberbos. Dissimulamo-los de maneira mais definitiva e radical: nenhumamos. A nenhumação é uma operação que consiste em fazer de Alguém, Nenhum. O nada de repente se individualiza, toma corpo e olhos, transforma-se em Nenhum (PAZ, 1984, p. 43).

Distantes de si e do mundo o solitário mexicano empunha a integridade como escudo, faz de seu silêncio uma valiosa arma e acaba guardando-se para se blindar. Embora ele siga protegido pelas suas máscaras, continua vulnerável e preso ao essencialismo identitário que outrora herdou de seus antepassados. Assim, o mexicano se torna um ser

mimético e furtivo que tenta a qualquer preço proteger-se das prováveis tenções presentes no mundo exterior, tornando sua existência um espectro de si mesmo.

Durante algumas folgas prolongadas (feriados e festas populares) o recluso mexicano se transforma. Nesses momentos ele deixa seu lado grotesco e machista de lado, solta sua imaginação e se mostra sensível. Para Octávio Paz, essa é uma tendência que propicia uma afinção entre o sujeito e sua cultura, além despertá-lo para si mesmo (PAZ, 1984, p. 45). São nas comemorações públicas, algo muito valorizado no México, que o povo se vê representado. Para os mexicanos, todas as festas populares lhes dão motivos para se reunirem, comemorarem, romperem com o tempo e com a tradicionalidade costumeira. No México, festejar é uma arte consumada até mesmo quando se encontra a morte. Graças às festas tradicionais e aos feriados [numerosos em seu calendário] o mexicano sai da clausura, participa, compartilha seu lado alegre e exterioriza valores que o permite existir sem suas máscaras.

De acordo com autor:

Em poucas regiões do mundo é possível viver um espetáculo parecido com o das grandes festas religiosas do México, com suas cores violentas, ácidas e puras, suas danças, suas cerimônias, seus fogos de artifício, suas vestimentas insólitas e sua inesgotável cascata de surpresas, feita de frutas, doces e objetos, que são vendidos nesses dias, nas praças e nos mercados. Certos dias, igualmente nos lugares mais afastados e nas grandes cidades, o país inteiro reza, grita, come, embriaga-se e mata, em honra à Virgem de Guadalupe ou ao general Zaragoza. Todo ano, no dia 15 de setembro às onze horas da noite, em todas as praças do México, celebramos a Festa do Grito; e uma multidão excitada efetivamente grita pelo espaço de uma hora, talvez para se calar melhor durante o resto do ano (PAZ, 1984, p. 45).

A festa está para o mexicano intrinsecamente ligada ao sagro, à existência e ao reencontro consigo e com o universo. Seus festejos são como rituais que transcendem e purificam o corpo, a mente e o espírito de seu povo. É como se festejar os fizessem sair de sí para voltarem à vida como forma de escapar da falta dela. Nesse caso, podemos pensar o “voltar à vida” como sinônimo de nostalgia da morte. A dicotomia entre vida e morte é tão latente entre os mexicanos que uma das maiores festas que acontece no país, a Festa de Todos os Santos, é realizada durante as comemorações do dia de finados.

Os festejos, sejam eles quais forem, são como pequenas frestas que se abrem para conectar o mexicano com a vida e com a morte. Aliás, segundo as tradições mexicanas, é por meio dessas frestas que os mortos voltam à terra para rever seus parentes e verificar se estão bem ou se estão mal. Para não deixarem seus antepassados tristes, eles celebram o dia dos mortos com comida, bebida, música e muita alegria. No entanto, a festa para

o mexicano não é somente uma válvula de escape, um rito de excessos ou agradecimento pelos ganhos materiais, mas um regresso, uma súbita imersão do ser à vida plena. Paz ressalta que “regressar à morte original será voltar à vida de antes da vida, à vida de antes da morte: ao limbo, às entranhas maternas (PAZ, 1984, p. 59).

Por ser uma nação sumariamente religiosa [quase 80% da população é adepta ao catolicismo] a “Virgem Católica”, conhecida por alguns devotos indígenas como “Guadalupe-Tonantzin” é considerada uma divindade que representa a figura da Mãe. É na Deusa protetora dos mexicanos que homens, mulheres e crianças buscam o refúgio e o amparo que o Estado lhes nega. Se antes os mexicanos recorriam a sua *mãe celestial* para pedir uma colheita farta, com o tempo a busca por alento se tornou o principal motivo. A Virgem de Guadalupe se transformou a remissão dos pobres, o refúgio dos fracos, a muleta dos oprimidos, a protetora dos órfãos da Pátria.

Como diz Paz (1984, p. 80):

Todos os homens nasceram deserdados e nossa verdadeira condição é a orfandade, mas isto é particularmente certo para os índios e os pobres do México. O culto à Virgem reflete não só a condição geral dos homens como também uma situação histórica concreta, tanto no plano espiritual como no material. E ainda há mais: Mãe universal, a Virgem é também a intermediária, a mensageira entre o homem deserdado e o poder desconhecido, sem rosto: o Estranho. Guadalupe é a receptividade pura e os benefícios que produz são da mesma ordem: consola, sereniza, tranquiliza, enxuga as lágrimas, acalma as paixões.

Para o mexicano, o termo “virgem” vai muito além da representação do sagrado. Ele é também o profano, a Chingada [expressão muito utilizada pelos mexicanos para representar a dama violada] uma metáfora que representa a invasão de sua pátria pelo colonizador espanhol, aponta para a perda de sua dignidade, do seu nome e da sua originalidade. A partir da violação cometida pelo colonizador o mexicano passa a ser ninguém, confunde-se com o nada, é o nada. (PAZ, 1984, p. 80).

Assim como a Virgem de Guadalupe, a mítica Malinche², amante abandonada de Martín Cortês, se tornou a representação mais clara das índias seduzidas e violadas pelos

² Malinche haveria nascido por volta de 1505, na vila de Painalla, província de Coatzacoalcos. Há indícios de que ela fora vendida como escrava a traficantes e nessa época aprendeu outros dialetos. Durante a invasão espanhola Cortez recebeu como cortesia de boas-vindas 20 índias, entre elas Malinche, a única que se destacou por sua inteligência e destreza. Malinche logo se transformou em intérprete e, acabou mediando o contato entre espanhóis e astecas. Como ela teve um filho com Cortez, para não cair em desgraça, casou-se com Don Juan Xamarrillo, com quem teve mais um filho. Por haver tido dois filhos mestiços, Malinche recebeu o título de mãe do México, já que, foram seus filhos os primeiros mestiços do país. Por fim, a índia mais famosa do México ficou marcada como uma traidora por ajudar aos espanhóis em seu desbravamento pelo novo território (PAGOTTO, 2012, p. 174).

espanhóis. É desse episódio que nasce o termo, muito depreciativo por sinal, “malinchista”, bastante usado nos dias de hoje para criticar o acultramento do país pelos estrangeiros (PAZ, 1984, p. 80). O termo remete à mancha cultural deixada por Cortês e sua Malinche, a índia mais odiada pelos mexicanos. Esse episódio revela um México que, mergulhado no tradicionalismo, emerge do passado, volta às sombras e renuncia a si mesmo. Ao repudiar sua história e desprezar sua origem; o mexicano continua sendo todos e sendo ninguém já que no seu imaginário não se vê índio e nem espanhol. Talvez a melhor definição para ele seria a representação da ruptura, da negação ou de um ser que segue em conflito com sua natureza e com seus sentimentos. Um sujeito que não consegue se sobrepor à sua solidão.

O caso de sedução, lealdade, abandono e traição entre a índia mais odiada da história mexicana e o destemido colonizador continua sendo um fantasma a rondar a vida do mexicano. Se para Malinche a entrega a Cortês foi por puro amor e devoção, para seu povo foi o motivo que os deixou ainda mais a margem na história, no limbo da existência e órfãos de suas raízes. Naquele momento e ainda nos dias de hoje, a ideia de haver descendido de Cortês e da índia Malinche era/é abominável para muitos mexicanos. Eles sempre se negaram a reconhecerem-se como fruto da relação de homem que violou suas terras e da mulher que os traiu. Para o mexicano, Malinche os despiu, os separou e os abandonou à própria sorte.

Paz (1984, p. 81), diz que

neste grito condenamos a nossa origem e renegamos o nosso hibridismo. A estranha permanência de Cortês e da Malinche na imaginação e na sensibilidade dos mexicanos atuais revela que são algo mais do que figuras históricas: são símbolos de um conflito secreto, que ainda não resolvemos. Ao repudiar a Malinche – Eva mexicana, tal como a representa José Clemente Orozco em seu mural da Escola Nacional Preparatória –, o mexicano rompe suas ligações com o passado, renega a sua origem e penetra sozinho na vida histórica.

Apesar da sua rusticidade, do seu conservadorismo, “quando se tem a oportunidade de contato como povo mexicano, mesmo que de maneira rápida, percebe-se que embaixo de suas carapaças ocidentais ainda correm o sangue dos povos antigos, suas convicções e seus hábitos” (PAZ, 1984, p. 15). Acredita-se que estas características, tão presentes no modo de ser do mexicano, vem da vivacidade das culturas já existentes antes da colonização. Portanto, mesmo diante do exotismo e escárnio que a sociedade mexicana apresentou ao mundo; não se pode negar que ao pisar no México o colonizador espanhol se deparou com civilizações muito organizadas, extremamente avançadas para seu tempo, próspera e requintada.

Em 1910, inconformados com os rumos que o país tomava por mãos do regime totalitário de Porfirio Díaz, iniciou-se o movimento armado que culminaria na Revolução Mexicana. Esse movimento não só acabou com a ditadura de Díaz como também forçou a promulgação da nova Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos, sete anos depois. A Revolução Mexicana foi a primeira a nível mundial que reconheceu as garantias sociais e os direitos civis do seu povo, além de ser uma conciliadora entre o país e seu passado após anos de múltiplas violências impostas pela ditadura. De certo o movimento revolucionário contribuiu para que o país retornasse às suas origens, porém, ao mesmo tempo fez com que ele voltasse à solidão e ao isolamento, imergindo em si mesmo.

Para Octávio Paz (1992, p. 131):

A Revolução é uma súbita imersão do México em si mesmo. Das suas profundezas e entranhas extrai, quase às cegas, os fundamentos do novo Estado. Volta à tradição, reatamento dos laços com o passado, rompidos pela Reforma e pela Ditadura, a Revolução é uma busca de nós mesmos e um regresso à mãe. E, por isso, é também uma festa: a festa das balas, para empregar a expressão de Martín Luís Guzmán. Como as festas populares, a Revolução é um excesso e um gasto, um chegar aos extremos, um estouro de alegria e desamparo. Nossa Revolução, é a outra face do México, ignorada pela Reforma e humilhada pela Ditadura.

Ao mergulhar em sua ancestralidade o México atentou-se à história, repensou suas raízes e contribuiu para que seu povo entendesse quem realmente era. O levante foi um fator preponderante para que o mexicano ressurgisse, voltasse a buscar-se para compreender-se. Mediante isso, Octávio Paz afirma que a Revolução Mexicana “despertara o país” (PAZ, 1992, p. 120). Ela chegou no México como uma alternativa para o país se levantar, se reinventar.

De acordo com Paz (1992, p. 123):

A Revolução Mexicana é um fato que irrompe em nossa história como uma verdadeira revelação do nosso ser. Muitos acontecimentos – que compreendem a história política interna do país e a história, mais secreta, do nosso ser nacional – preparam-na, mas poucas vezes, e todas elas fracas e apagadas, antecipam.

Com o advindo do movimento revolucionário o México se transforma e se faz uma outra nação. O mexicano passa a ser ele mesmo e o outro que um dia foi, mas vivia escondido à espera de um dia poder existir. De certa forma, a revolução pariu a nação e a entregou às raças e classes que sempre foram renegadas pelo colonialismo e pelo Estado.

Ainda que sua fertilidade tenha sido extraordinária, a revolução não teve força para criar uma ordem que fizesse com que a nova sociedade fosse mais livre, mais igualitária. Em síntese, o povo continuou esquecido e subjugado.

A independência mexicana, tal como a história dos povos da América Latina foram processos extremamente difíceis de serem alcançados. Quando os países hispano-americanos decidiram pela independência, a metrópole adotou uma política de proteção de seu comércio, impedindo que grupos pertencentes à classe aristocrática feudal nativa - os criollos - fizessem negócios com outras regiões, ocupassem cargos políticos ou lugares importantes na condução do estado. No imaginário da nação, ao romperem com seu passado espanhol, esperava-se que o futuro do México ficasse a cargo do próprio povo, algo que não aconteceu.

Esses entraves acabaram não só impedindo o livre comércio das colônias, mas também impossibilitou seu desenvolvimento econômico e social, além de impedir que os criollos ascendessem financeiramente. A independência contribuiu para que os colonos saíssem do anonimato e quebrassem o processo burocrático que paralisava suas vidas. Porém, na prática, a estrutura social das colônias em nada mudou.

No calor da revolução, os mexicanos, conforme Paz (1992, p. 111),

rompem com a Espanha, mas se mostram incapazes de criar uma sociedade moderna. Não podia ser de outro modo, pois os grupos que encabeçaram o movimento de independência não constituíram novas forças sociais, mas sim o prolongamento do sistema feudal. A novidade das novas nações hispano-americanas é enganosa; na verdade, trata-se de sociedades em decadência ou em imobilidade forçada, sobrevivência e fragmentos de um todo desfeito. O império espanhol dividiu-se numa quantidade de repúblicas, por obra das oligarquias nativas, que, em todos os casos, favoreceram ou impulsionaram o processo de desintegração.

Os ventos da independência fizeram com que o pensamento espanhol saísse do passado para retornar si mesmo, afim de mergulhar nas causas do fracasso que levou a nação, em meio a tanta desgraça, a negar elementos latentes que impeliram o mexicano de reconhecer-se espanhol. A independência justificou a intenção do novo estado em transformá-lo (mexicano) em um projeto de poder. Ressaltamos que durante todo o processo separatista mexicano o idealismo se sobre pôs à realidade em vez de dizê-la.

Nesse momento, a tradição mexicana como em toda a América latina dá lugar a utopia e

a independência oferece a mesma figura ambígua da conquista. A obra

de Cortés é precedida pela síntese política que realizam na Espanha os reis católicos e pela que iniciam na América medial os astecas. A independência se apresenta também como um fenômeno de duplo significado: desagregação do corpo morto do império e nascimento de uma pluralidade de novos Estados. Conquista e independência parecem ser momentos de fluxo e refluxo de uma grande onda histórica, que se forma no século XV, estende-se até a América, atinge um momento de belo equilíbrio nos séculos XVI e XVII e finalmente se retira, desagregando-se antes em mil fragmentos. Na independência os povos rompem com a Colônia, mas são incapazes de construir uma sociedade moderna. Afinal, os grupos que fomentaram a independência não constituíram novas forças sociais, mas o prolongamento do sistema feudal. Assim, firmando a sobrevivência e o fragmento de um todo desfeito (PAZ, 1992, p. 108).

Os separatistas defendiam que ao se emanciparem da Espanha o mundo hispânico continuaria intacto, porém, não tardou muito para que os acontecimentos deixassem em ruínas todos os projetos de independência. O processo de fragmentação do império espanhol deixou os independentistas vulneráveis e o Reino Espanhol mostrou toda a sua força diante da sagacidade daqueles que lutavam pela separação. Ao final do movimento de Independência o México havia se tornado novamente uma nação sem identidade, enfraquecida e distante de si. Ao renunciar a classe de herdeiros da ordem espanhola como seus verdadeiros representantes o mexicano abdica sua autenticidade e nega a si mesmo.

Analiticamente, Paz diz que o pensamento crítico e a reflexão foram exercícios essenciais para vida política mexicana, além de canais de conexão para que seu país se reencontrasse com sua história e com suas tradições (PAZ, 1992, p. 134).

Dentro dos muros da Escola Preparatória, a velha escola positivista, tornou-se a ouvir a voz metafísica, que reclama os seus direitos inalienáveis. Vasconcelos era anti-intelectualista. Filósofo da intuição considera que a emoção é a única faculdade capaz de apreender o objeto. O conhecimento é uma visão total e instantânea da realidade. Vasconcelos elabora mais tarde uma “filosofia da raça ibero-americana”, que continua uma corrente muito importante do pensamento hispano-americano. Mas, a influência deste pensador só se deixará sentir anos mais tarde, quando ocupa a Secretaria da Educação Pública no governo do novo regime (PAZ, 1992, p. 135).

Ao nos debruçarmos em cima da análise do autor sobre a crítica do positivismo à história da intelectualidade no México percebe-se que ela foi primordial, determinante para que a revolução se deflagrasse. Entretanto, quando os positivistas assumiram uma posição intelectual que não dialogava como os interesses populares e muito menos com as in-

quietações da época, o movimento positivista ganha um caráter falacioso negativo. Se por um lado a utopia foi um dos elementos básicos para a construção da Revolução Mexicana por outro a inteligência, por meio de seus pensadores positivistas, desenterrou o país e o trouxe à realidade. O conhecimento foi fundamental para que se desse a Revolução Mexicana.

Como afirma o próprio Octávio Paz (1992, p. 15):

Nossa história recente abunda em exemplos desta superposição e convivência de diversos níveis históricos: o neofeudalismo porfirista (uso deste termo enquanto espero o historiador que, por fim, classifique, na sua originalidade, as nossas etapas históricas), servindo-se do positivismo, filosofia burguesa, para justificar-se historicamente; Caso e Vasconcelos – precursores intelectuais da Revolução –, utilizando as ideias de Boutroux e de Bergson para combater o positivismo porfirista; a educação socialista num país de capitalismo incipiente; os murais revolucionários nas paredes governamentais... Todas estas aparentes contradições exigem um novo exame da nossa história e da nossa cultura, com influência de muitas correntes e épocas.

José Vasconcelos elaboraria mais adiante um tratado que ficaria conhecido como: “filosofia da raça ibero-americana”, uma vertente muito importante do pensamento hispano-americano. Anos mais tarde, quando ele ocupou um importante cargo na Secretaria da Educação Pública no novo governo vigente, a influência e significativa contribuição de Vasconcelos para o pensamento liberal foram reconhecidas (PAZ, 1992, p. 135).

A Revolução Mexicana era dotada de uma singularidade que a tornou genuína. O Plan de Ayala³ fez com que o México se ancorasse na razão, em prol de um idealismo que não fosse vazio ou distante da realidade. As terras seriam repartidas através de títulos legais, como no passado, e todos os campesinos e povoados que não possuíam documento de posse, seriam beneficiados por essa ação. Nesse momento, o movimento Zapatista retoma as origens, volta às tradições e tenta conceber um México voltado para as políticas agrárias. Em 1915, em Cuernavaca, a Lei Agrária é implantada por Emiliano Zapata.

Paz (1984, p. 128), atesta que:

Ao fazer do *calpulli* o elemento básico da nossa organização econômica e social, o Zapatismo não só resgatava a parte válida da tradição colonial, como também afirmava que toda construção política verdadeiramente fecunda deveria partir da porção mais antiga, estável e duradoura da nossa nação: o passado indígena.

³ O Plan de Ayala foi um manifesto promulgado em 28 de novembro de 1911, no auge da Revolução Mexicana, na qual o chefe revolucionário mexicano Emiliano Zapata não reconheceu, o então Presidente Francisco I. Madero, como o iniciador da revolução, acusando-o de trair as causas campesinas.

Ao redigir o manifesto, Zapata fala abertamente da usurpação, da má fé, da miséria, da opressão por parte do Estado. Em seu corpus o autor propõe que as terras sejam confiscadas e divididas entre os que detinham títulos de posse, datados anteriormente à Lei de terras de 1856. Assim, pela primeira vez a Lei Agrária abarca a nação como um todo, retoma o Plan de Ayala, passa a defender que as questões agrárias seriam a razão primeira e o objetivo maior da Revolução Mexicana.

Em suma, acreditamos que as contribuições deixadas por Octávio Paz na obra supracitada perpassaram o campo literário-filosófico e entraram para a história como valiosos testemunhos da formação cultural do México, do seu povo e suas tradições, além de corroborar com a formação do pensamento crítico no país desde os primórdios até os dias atuais. Em *Labirinto da Solidão* o autor nos traz importantes discussões sobre o país e suas dificuldades rumo à modernidade. Reforçamos que a obra, provavelmente a mais importante de sua carreira, foi escrita em um momento que Octávio Paz se encontrava sem qualquer perspectiva política e muito menos literária [no que se refere à possíveis sinalizações para a entrada de um autor independente como ele no cânone literário mexicano e mundial]. Por esse e outros aspectos, *Labirinto da Solidão* pode ser considerado uma das obras mais importantes que foi escrita em nome da liberdade de expressão. A obra alcançou uma relevância tão sublime que, desde sua concepção, até os dias de hoje, nunca deixou de ser discutida.

REFERÊNCIAS

ARANA, Juan. *La larga marcha hacia la libertad: la evolución ideológica de Octavio Paz*. Sevilla: Universidad de Sevilla, Revista Isegoría, Nº 22, 2000. Disponível em: < <http://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/523/523> >. Acesso em: 12 de março de 2021.

DE SÁ, Elisa. O labirinto mexicano de Octavio Paz. 2015. Disponível em: < http://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_37_6_maria_elisa_noronha_de_sa.pdf >. Acesso em: março 2021.

EUFRACCIO, Patricio. *El hombre y su obra – Octavio Paz (1914-1998)*. México: UNAM, 2006. Disponível em: < <https://www.uv.mx/tipmal/files/2016/10/OCTAVIO-PAZ-DOSSIER3> >. Acesso em: março 2021.

MONSIVÁIS, Carlos. *Octavio Paz y la izquierda*. México: Revista Letras Libres, vol. 30, abril de 1999. Disponível em: < <https://www.uv.mx/tipmal/files/2016/10/OCTAVIO-PAZ-DOSSIER3.pdf> >. Acesso em: março 2021.

PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão* e post-scriptum; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

_____. *O Labirinto da Solidão* e post-scriptum. 3º Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

_____. *Tempo Nublado*. 2º Ed. São Paulo: Editora Guanabara, 1986.

RAMPINELLI, Waldir. *A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários*. Revista Espaço Acadêmico. Nº 126. Novembro de 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14401>. Acesso em: março 2021.